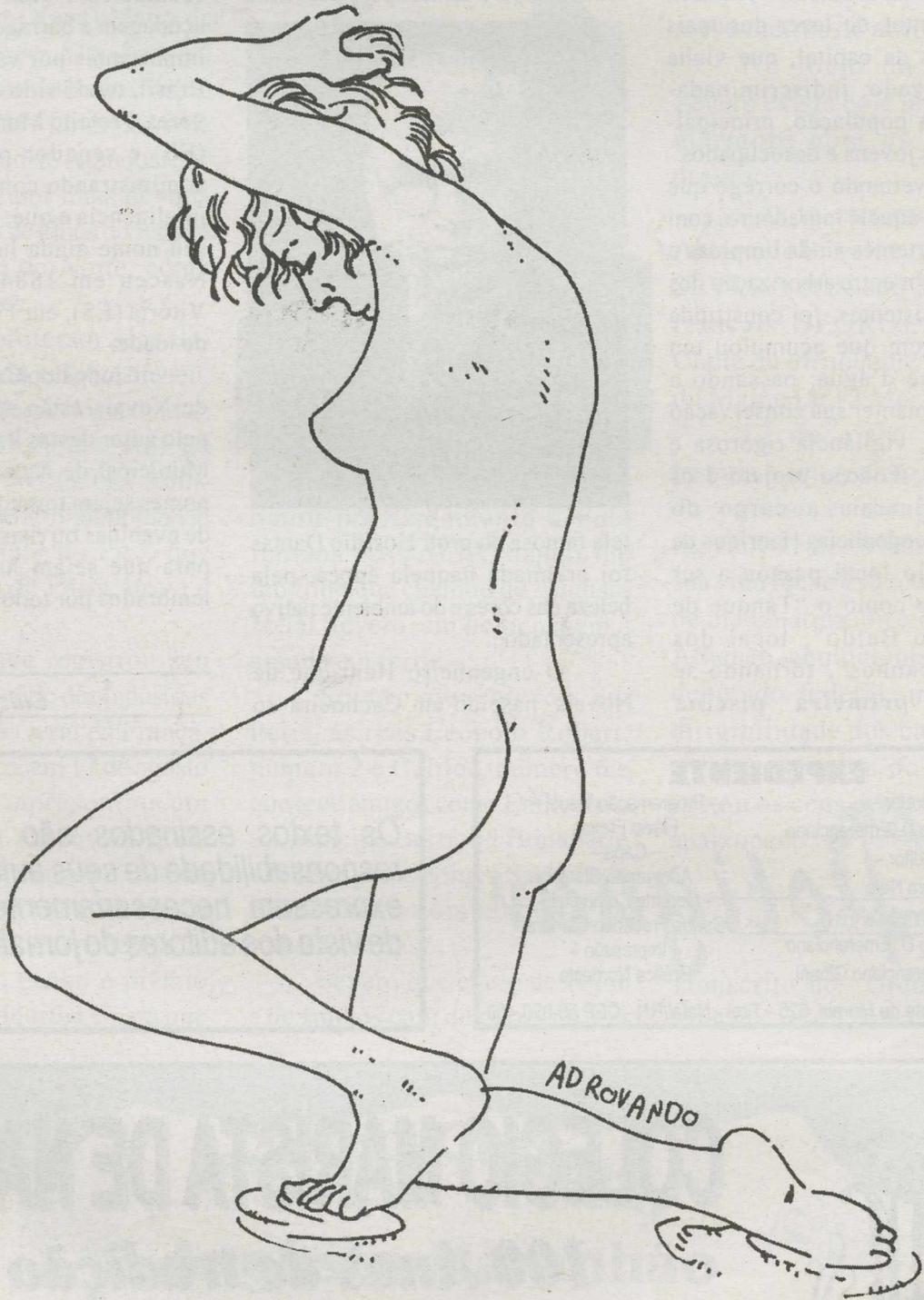


O Potiguar

Ano V Nº 28

Junho/Julho 2002

Distribuição Gratuita



A Gênese do Homem

DESSPORTISTAS INOLVIDÁVEIS



Henrique de Novais

C apixaba, foi o engenheiro que, em 1918, a convite do Intendente Municipal, Fortunato Aranha, urbanizou o Baldo, um dos pontos de lazer dos mais tradicionais da capital, que vinha sendo utilizado, indiscriminadamente, pela população, principalmente pelos jovens e desocupados.

Aproveitando o córrego que serpenteava aquele logradouro, com águas de vertentes ainda límpidas e saudáveis, por entre arborização dos sítios ali existentes, foi construída uma barragem que acumulou um bom volume d'água, passando a edilidade a manter sua conservação com asseio, vigilância rigorosa e permanente. Todo o projeto e os serviços ficaram a cargo do competente engenheiro Henrique de Novais, cujo local passou a ser denominado como o "Tanque de Natação do Baldo", local dos "famosos banhos", tornando-se assim, a primeira piscina

construída em Natal. Os Escoteiros do Alecrim praticavam ali exercícios de natação servindo também o ambiente para banhos públicos. Uma



tela famosa do prof. Hostílio Dantas foi premiada naquela época, pela beleza das cores e do ambiente nativo apresentado.

O engenheiro Henrique de Novais, nascido em Cachoeira do

Itapemirim (ES), foi um extraordinário engenheiro-chefe do Distrito do DNOCS naquela época sediado em Natal. Especialista em açudagem e barragem, deixou obras importantes por vários Estados do Brasil, tendo sido depois, por duas vezes, Prefeito Municipal de Vitória (ES) e senador por seu Estado, administrando com competência e inteligência e que, por isto mesmo, seu nome ainda hoje é lembrado. Nasceu em 1884 e faleceu em Vitória (ES), em 1950, aos 65 anos de idade.

Clodoaldo Caldas e Henrique de Novais estão sendo lembrados pelo autor destas linhas à Prefeitura Municipal de Natal, para que seus nomes sejam tornados PATRONOS de avenidas ou ruas de nossa cidade para que sejam homenageados e lembrados por todos eternamente.

Luiz G. M. Bezerra

EXPEDIENTE

- Diretor - João Gothardo D. Emerenciano
- Editor - Moura Neto
- Revisão - João Gothardo D. Emerenciano
Giuliano Emerenciano Ginani
- Programação Visual - Flávio Freitas
- Capa - Adroaldo Claro
- Gerente Comercial - Carlos Frederico Câmara
- Impressão - Gráfica Nordeste

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol - Natal/RN - CEP 59.020-400

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam necessariamente o ponto de vista dos editores do jornal.



-UNBEC-

COLÉGIO MARISTA DE NATAL

100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020-130

Fone: (84) 211-5505 - Fax: (84) 212-1216

http://www.natal-marista.com.br/natep

@natal-marista.com.br

Augusto Severo

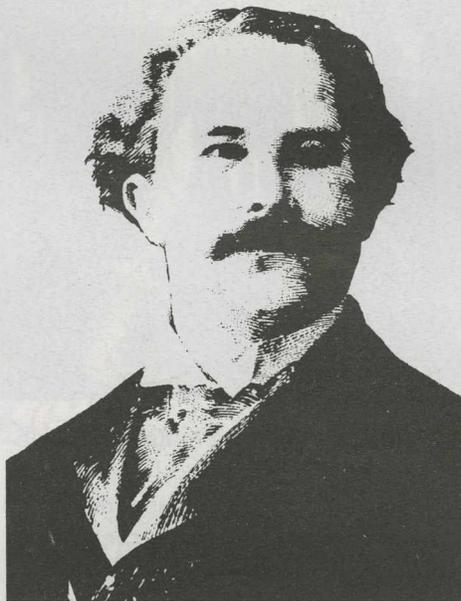
Augusto Severo de Albuquerque Maranhão, nascido em Macaíba, antiga vila de Coité, Estado do Rio Grande do Norte, aos 11 de janeiro de 1865, filho de Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão e de Dona Feliciano (Xana) Maria da Silva Pedroza de Albuquerque Maranhão, irmão de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão e de Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão, que por mais de uma vez dirigiram os destinos do Estado do Rio Grande do Norte, como seus Governantes.

Severo, professor de matemática, diretor do velho Atheneu, abolicionista, líder político, orador, deputado federal, inventor da dirigibilidade dos balões semi-rígidos (navio de alto-ar, como ele chamava), criador do PAX que cortou os céus de Paris, lírico e apaixonado.

Severo que registrou seu invento no Ministério das Indústrias e no Consulado Geral da França, no Rio de Janeiro, em 17 de agosto de 1892, que apresentou um projeto de lei (aprovado), na Câmara Federal, concedendo uma ajuda de cem contos de réis a Alberto Santos Dumont, depois de haver o mesmo ganho o prêmio Deustsh de la Meurthe e para que

fosse possível ao mesmo levar adiante as suas experiências com o mais pesado de que o ar.

Severo que, viúvo aos



trinta e um anos, conheceu e amou profundamente a bela italiana NATÁLIA, dando-lhe um filho que chamou de Augusto Natal Severo, em homenagem à amada e à terra.

Severo que morou em Paris, às ruas Léopold Robert, número 2 e Galilée, número 6 e que teve amigos como Emile Zola e o príncipe Bertrand Bonaparte e mais ainda Georges Saché, seu mecânico e companheiro de todas as horas.

Severo que cheio de vigor e de sonhos caiu de pé, aos trinta

e sete anos de idade sobre a avenida do Maine, em Paris, diante do número 79 daquela rua e em frente à 'bouche' do metrô Gaieté, enquanto Saché tombava envolto em chamas, entre os destroços do PAX que explodira a 400 metros de altitude.

No local da queda de Severo existe hoje uma placa de mármore com os seguintes dizeres:

"À la memoire de l' Aéronaute Brésilien AUGUSTO SEVERO et de son mécanicien français GEORGES SACHÉ Chute du dirigeable PAX - Av. du Maine Le 12 Mai 1903".

12 de maio marca na história o octogésimo ano no vôo, da morte e da glória de SEVERO, novo Ícaro que, na sua vida breve e rica foi professor de matemática, diretor do velho Atheneu, abolicionista, orador, deputado federal, inventor da dirigibilidade dos balões semi-rígidos, criador do PAX que cortou os céus de Paris, lírico e apaixonado.

Augusto Severo Neto

Transcrito do "Grêmio Telern Notícias", nº 22, Janeiro de 1982.

Núcleo Cultural
Augusto Maranhão
Fone: 205-3690

Memórias do cienti-ficcional

Agora que este ano de 2002 traz, para minha comemoração particular, a lembrança dos 10 anos de publicação do meu livro “Écran Natalense”, englobando alguns capítulos da história do Cinema em Natal (casas exibidoras, filmes produzidos no RN, crítica especializada – tudo com as respectivas datas), reivindico para a comemoração coletiva o centenário do filme “Viagem à Lua” (*Lê Voyage dans la lune*), precursor da ficção-científica, realizado em 1902 pelo francês Georges Méliès. Que, por coincidência, foi o único cineasta a documentar em um curta (“*La Catastrophe du Ballon Pax*”), no mesmo ano, a tragédia que destruiu os sonhos de outro precursor, o norte-riograndense Augusto Severo de Albuquerque Maranhão (v. “O Potiguar”, de abril-maio), inventor da dirigibilidade do balão semi-rígido (para se comprovar, leia-se o livro “Cinema e Ficção Científica”, de J. Siclier e A. S. Labarthe).

Para registro histórico, relembro aqui alguns filmes de ficção-científica, que se marcaram como exemplos de um ou outro aspecto do cienti-ficcional no cinema, indicando o período em que eles estavam em cartaz na cidade e o local de exibição.

O tema da conquista do espaço foi sempre uma constante. Se Méliès criou a poética da **viagem à lua**, seriados como “*Flash Gordon*”, dirigido por Frederick Stephani, e em cartaz no Royal Cinema a partir de 19 de janeiro de 1943, trouxeram o fascínio das viagens interplanetárias, que iria ecoar na televisão nos anos 60; com o seriado popularesco “*Perdidos no Espaço*”, onde o ator Jonathan Harris deixou sua marca antológica interpretando o impagável Doutor Smith.

Os escritores de ficção-científica imaginaram muita coisa que teria inevitavelmente versão cinematográfica. De Júlio Verne, o diretor Henry Lein realizou em 1959 o filme “*Viagem ao Centro da*



Terra”, versão cinematográfica do romance de 1864, que foi vista em Natal, no Cine Poti, a partir de 21 de outubro de 1962, mostrando um mundo subterrâneo, cheio de monstros pré-históricos precursores dos dinossauros do diretor Spielberg. Em 1897, o escritor inglês H. G. Wells publicou a novela “*O Homem Invisível*”, que o diretor norte-americano James Whale adaptou para cinema, em filme realizado em 1933, e que estreou no cinema São Pedro a 5 de maio de 1935.

Na década 50 do século passado, os norte-americanos (mas não somente eles) desenvolveram uma fobia, um medo, o da catástrofe final, seja por intermédio de um acidente natural interplanetário (v. o filme “*Armageddon*”, do diretor Michael Bay, visto no Cine Natal 2 a partir de 21 de agosto de 1998, trazendo aquele velho medo dos asteróides gigantes); seja por um neodilúvio proveniente do degelo das calotas polares (“*Waterworld – O Segredo das Águas*”, de Kevin Reynolds, em cartaz no Natal 1 a 01 de outubro de 1995); seja por intermédio da guerra interplanetária (“*A Guerra dos Mundos*”, de Byron Haskin, realizado em 1953 e visto no cinema da Base Aérea de Natal a 25 de abril de 1955) ou da própria guerra atômica entre países do planeta Terra (“*O Dia Seguinte*”, de Nicholas Meyer, no cinema Rio Grande a 08 de março de 1984).

A ficção-científica cinematográfica se preocupou não

somente em ilustrar o imaginário do público, mas também em dosar os temas com certas particularidades somadoras de maiores níveis de comunicabilidade: o humor (v. “*O Professor Aloprado*”, de Jerry Lewis, realizado em 1963, e em cartaz no cinema Rio Grande a 03 de setembro de 1965), o erotismo (v. “*Barbarella*”, de Roger Vadim, realizado em 1968, e em cartaz no cinema Rio Grande a 05

de julho de 1969), a crítica ao militarismo (v. “*Doutor Fantástico*”, de Stanley Kubrick, realizado em 1964, e em cartaz no Cinema de Arte do Cine Poti a 19 de setembro de 1968) e às estruturas nazistas reminiscentes em sociedades futuras (v. “*Fahrenheit 451*”, de François Truffaut, realizado em 1966, e em cartaz no Cinema Nordeste a 15 de janeiro de 1970), e a auto-punição humana via imaginar a escravização da espécie aos animais (v. “*O Planeta dos Macacos*”, de Franklin J. Schaffner, realizado em 1967, e em cartaz no cinema Rio Grande a 10 de julho de 1969).

Finalmente, vale lembrar que alguns filmes de ficção-científica nos trouxeram algumas das mais belas imagens e dos mais belos sons, filmes como “*2001: Uma Odisséia no Espaço*”, de Stanley Kubrick, realizado em 1968, e em cartaz no cinema Rio Grande a 19 de janeiro de 1970; “*Contatos Imediatos do Terceiro Grau*”, de Steven Spielberg, realizado em 1977, e em cartaz no Cinema Nordeste a 27 de agosto de 1978; e “*E. T. – O Extraterrestre*”, de Steven Spielberg, realizado em 1982, e em cartaz no cinema Rio Grande a 20 de abril de 1984. Foram poemas visuais e sonoros, para sempre inesquecíveis.

Capim Macio

Historicamente, as terras onde se encontra o bairro de Capim Macio até a década de 60, fazia parte de uma área de dunas utilizada como campo de treinamento das forças armadas.

Anteriormente à construção de conjuntos habitacionais e residências de alto padrão, a região ficava fora dos limites da área urbana de Natal. Naquela época, a Quinze era uma localidade que se formou próxima à “corrente”, ou seja, a entrada para a cidade, onde qualquer acesso era controlado pela fiscalização estadual.

A pista de Parnamirim era o marco referencial das terras às margens, à esquerda da qual se situa o bairro, ligando Natal ao Aeroporto Augusto Severo.

Em 1971, o Instituto de Orientação às Cooperativas-INOCOOP, adquiriu um terreno para a construção do conjunto MIRASSOL, numa área de 26 hectares.

Como conseqüência da

construção e ocupação de Mirassol, entregue em 1973, surge a Cidade Jardim. Posteriormente, ganhou infra-estrutura favorecendo

centes. Sua construção foi iniciada em 1972 e concluído, somente, em 1981. Entre 1973 e 1974, houve uma rápida

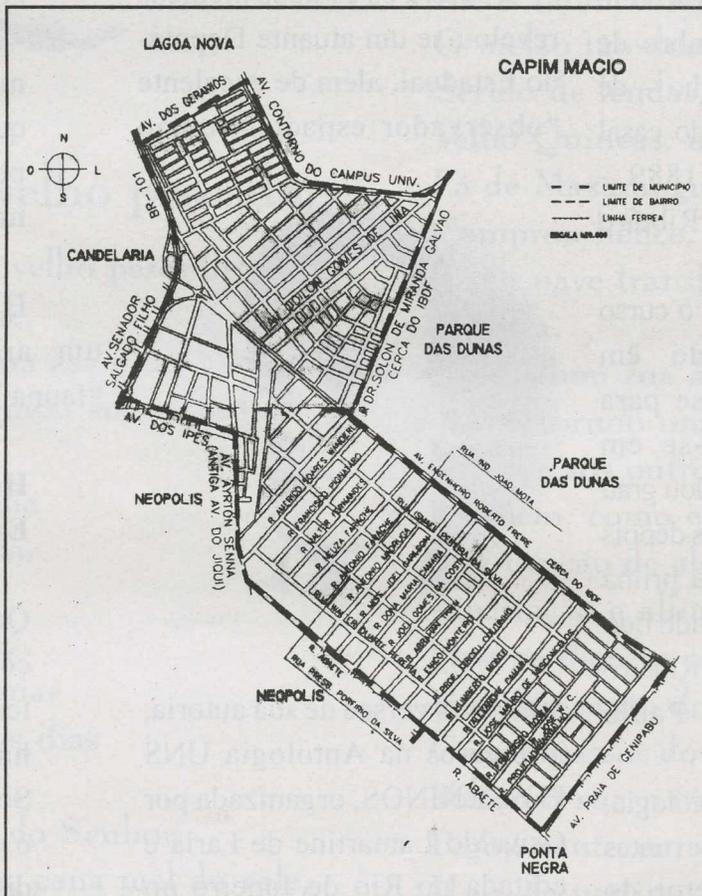
expansão urbana para o sul da cidade e a difusão do hábito de morar em apartamento. Isso acarretou a super-valorização de terrenos urbanos em Natal.

Mais tarde, outros conjuntos foram sendo erguidos no bairro. Em 1979, o Conjunto Universitário (Conjunto dos Professores), Flamboyants (1985), Village dos Mares (1991), Cerro Azul (1991), Village de La Touche (1991), Parque das Rosas, Capim Macio I e II, Mar do Sul e Pirangi do Sul.

Capim Macio foi

oficializado como bairro pela Lei n.º 4.328, de 05 de janeiro de 1993, que definiu seus limites e publicada no Diário Oficial em 07 de setembro de 1994.

Paulo Venturele de Paiva Castro



a plena fixação populacional no lugar.

O Campus Universitário foi outro marco da ocupação de Capim Macio. Instalado em uma área de 130 hectares, é apontado como uma das causas de valorização dos terrenos adja-



HIPÓCRATES

HIPÓCRATES REDE DE ENSINO

UNIDADE	ENDEREÇO	TELEFONE
Unidade Bessa	R. José Ferreira Ramos, s/n - Bessa - 58036-000 - João Pessoa/PB	(83) 245-9661
Unidade Centro	R. Jundiá, 421 - Tirol - 59020-120 - Natal/RN	(84) 222-4367
Unidade Luna	R. Casimiro de Abreu, 60 - Jardim Luna - 58033-330 - João Pessoa/PB	(83) 244-2519
Unidade Miramar	Av. Pte. Eplítacio Pessoa, 3955 - Miramar - 58043-000 - João Pessoa/PB	(83) 247-2294
Unidade Ponta Negra	R. Prof. Direce Coutinho, 1989 - Capim Macio - 59082-180 - Natal/RN	(84) 642-1490
Unidade Zona Norte	Av. Paulista, 1897 - Potengi - 59108-120 - Natal/RN	(84) 214-2947
Unidade Zona Sul	Av. Alameda das Mansões, 2110 - Candelária - 59067-010 - Natal/RN	(84) 206-7729
Unidade Manaira	Av. Edson Ramalho, 788 - Manaira - 58038-100 - João Pessoa/PB	(83) 247-2525
Unidade Bairro Estádios	Av. Minas Gerais, 251 - Bairro dos Estádios - 58030-090 - João Pessoa/PB	(83) 243-9900
Unidade Cidade Verde	R. Cap. Heraldo Cunha, s/n - Cidade Verde - Parnamirim/RN - 608-0641	(84) 608-0641

Milton Ribeiro Dantas

– Da tisiologia à observação astral –

O médico Milton Ribeiro Dantas nasceu na cidade de Mossoró aos 22 de novembro de 1914 e faleceu em Natal aos 08 de novembro de 1992. Era o primeiro filho – de uma prole de quatro – do casal José Ribeiro Dantas (1889 – 1950) e Helena Villar Ribeiro Dantas (1891 – 1987).

Depois de concluir o curso secundário – iniciado em Mossoró – transferiu-se para Recife, onde formou-se em medicina na turma que colou grau no ano de 1936. Dois anos depois consorciou-se com a sua prima Mirtes Ribeiro Dantas, tendo tido o casal três filhos: José Ribeiro Dantas, Maurício e Paulo Eduardo.

Especialista em Tisiologia, ocupou vários cargos relevantes na sua profissão: Diretor do Hospital São João de Deus, no período de 1938 à 1944 e do Sanatório Getúlio Vargas, durante quinze anos (1944 – 1959). Foi ainda diretor do Instituto de Medicina Legal e Criminalística do Estado, e professor de

Medicina Legal na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Afora os estudos médicos revelou-se um atuante Deputado Estadual, além de excelente “observador espacial” como



mostra os versos de sua autoria, impressos na Antologia UNS FESCENINOS, organizada por Oswaldo Lamartine de Faria e editada no Rio de Janeiro no ano de 1970.

**O sol e a lua fornicam
No leito azul do infinito.**

Se há coisas que bem se explicam,

outras não, nunca, jamais: como muitos animais, **o sol e a lua fornicam,** A posição que praticam? - Pode até ser esquisito - mas todo mundo, tem dito que é um fato indiscutível, perfeitamente possível, **no leito azul do infinito.**

E revelando-se, também, um arguto observador da “fauna” assim sentenciou:

**Há quem pareça sem ser
E quem é, não parecendo.**

Quero dar meu parecer com absoluta isenção: tenho até convicção: **há quem pareça sem ser** Só quem poderá dizer o que pareça, não sendo, distinguir o que está vendo, pois nunca, jamais, se engana, é o verdadeiro sacana **e quem é, não parecendo.**

João Gothardo Dantas Emerenciano

SALESIANOS

COLÉGIO SALESIANO SÃO JOSÉ NATAL - RN

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Natal/RN - CEP 59012-530

Fone: (84) 211-4220 - Fax: (84) 222-3560

CNPJ: 08.320.384.0001/31



A viagem do velho pescador

Velho Quincas, um velho pescador
Lá de Maxaranguape,
Comprou hélice, uma asa e um motor
E em nave transformou sua velha
jangada.
E decolou na fantasia
E viajou na ventania,
Da foz do Potengi
Indo para o interior,
Sobrevoou as cercanias
E atravessou aqueles dias
De algodão no trairi,
Schelita, gado e sal do Senhor,
Coqueiral de Touros, cana mel do vale,
Cera, carnaúba, campos de sisal,
Farinha, mandioca, camarão, lagosta,
Praias e lagoas, Pipa e Tibau.
E não parou a travessia,
Pois se encantou com a cantoria
Que no sertão ouviu,
Na voz, viola, de um cantador.

E recitou suas poesias
E ensinou como fazia
Uma melodia
Capaz de emudecer o cantor.
Olé em Barcelona, sítios no Agreste,
Ricos tabuleiros, fartos mangueirais.
O melão tão doce, nascido no oeste.
Seridó de lendas, minas e currais.
Velho Quincas, um velho pescador
Lá de Maxaranguape,
Comprou hélice, uma asa e um motor
E em nave transformou sua velha
jangada.
E espalhou sua alegria,
Mas retornou um belo dia
A pedir aos outros
Sonhem, como ele sonhou.
Sua canção de alegoria,
Libertação e alforria,
Que ganhou os ares
E se fez canto de vencedor.
Com o passar do tempo
Voltou à sua nave,
Pegou vento em cauda,
Hora de partir.
E num percurso inverso
Se foi de madrugada,
Numa nuvem clara
P'rá ninguém ouvir.

Nelson Freire



**BOOK
SHOP**

Av. Salgado Filho 2850 - Lj 05
Lagoa Nova - CEP 59063-100
Natal/RN - Fone:206-9099

SebArt
CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros, discos, Cd's, fitas de vídeos e k7 usados.

MATRIZ NA RUA DA CONCEIÇÃO, 617
FILIAIS: RUA VAZ GONDIM, 816 - CENTRO - NATAL/RN
AV. XAVIER DA SILVEIRA, 67 - TEL.: 9461-5996 / 9415-9924

Homem moderno vem da miséria

Foi uma mulher simples e humilde, vivendo no Norte da África, que gerou toda a humanidade de hoje e sua grande evolução tecnológica e científica.

O discurso sobre a origem do homem continua sendo uma questão dominada pelos norte-americanos, sem haver brechas para outras teorias de nacionalidades diferentes, especialmente em se tratando do ser humano americano.

As entidades de pesquisas dos Estados Unidos preferem fazer com que as suas teorias, acerca deste assunto, sejam mantidas com exclusividade, deixando de olhar, examinar outras hipóteses, principalmente as que são formuladas em países pobres, sem condições financeiras e técnicas para a realização de investigações.

Saber sem dono

No mundo capitalista em que vivemos, o dinheiro continua falando mais alto, visando fazer com que todas as verdades sejam, apenas suas, exclusivas e intocáveis – como se a ciência fosse uma bolinha de papel jogada no ar, para ser apanhada pelas crianças inocentes.

Esta situação, para a maioria das pessoas que absorve o poder concentrador da sabedoria do capital, hoje não tem mais razão de ser porque os fatos geram outros,

contraditórios, abrindo novos caminhos sobre a iniciativa humana – onde, como e quando ele deu os primeiros passos.

Em todos os tempos – o homem sempre teve o potencial de raciocínio para reconhecer os seus segredos, mistérios e indagações, independentemente dos longos estudos acadêmicos, laboratórios e outros meios que, no final das contas, também são indispensáveis para o saber evolutivo na história da humanidade.

O predomínio de quem estuda e pesquisa para obtenção de lunática, distante do mundo real, recusando se comunicar, ouvir, aprender e falar com os outros seres humanos.

– Isto vem sendo feito pelos norte-americanos?

A resposta adequada e correta reside na observação do panorama internacional sobre a origem do homem, sem esquecer a lógica do trabalho efetivo em diferentes países, negada e abandonada pelos setores ricos e pobres, estes dominadores e dominados.

O dono da peteca, felizmente, está cansado do jogo e começando a abrir espaço para que esse ins-

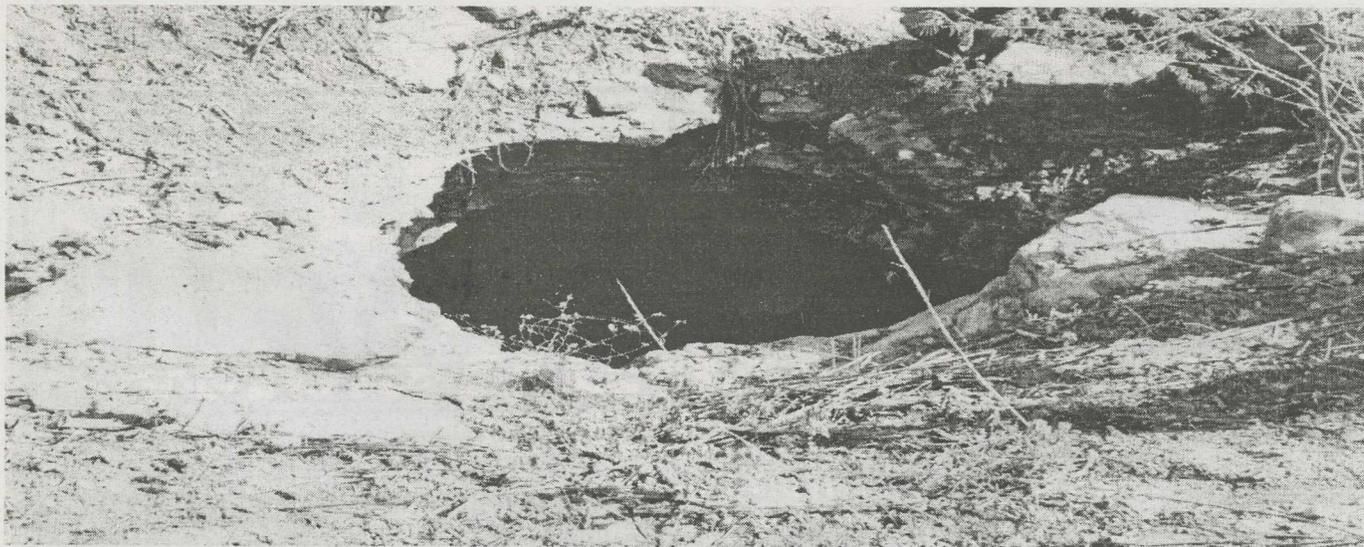
trumento não permaneça em suas mãos ou fique rolando pelo ar – para ser apanhado pelos fracos, humildes, pobres e famintos de conhecimentos.

Isto, porém, ainda é muito pouco para quem dispõe do muito desconhecido, esquecido, abandonado e sem os cuidados científicos, tampouco técnicos, estimados e queridos pela razão e emoção, a exemplo do que se verifica aqui e acolá.

Eva genética

Agora, faz 18 anos que cientistas dos Estados Unidos, após longo tempo de pesquisa, concluída em 1983 – descobriram o que eles chamam de Eva Genética, com 150 mil anos, vivida na África do Norte e sendo o ponto de partida do ser humano, mesmo de pele negra que foi transformada nas demais cores.

Foi uma mulher pesquisadora – Rebeca Kanne e sua equipe, que determinou esta teoria – feita com base nos exames de 20 europeus, mais 20 afro-americanos analisados, segundo os seus DNAs mitocondriais comparados, além de fósseis cranianos.



O homem primitivo habitou as cavernas do Rio Grande do Norte, como esta localizada no município de Pendências.

– Fiquei muito animada quando comecei a juntar as provas e os resultados. Todos iam contra toda uma folha do filme de raio X. Cada afro-americano apresentava diferenças. Todos os europeus eram iguais.... continuamos a repetir as coisas, quando pegamos mais amostras de diferentes áreas. Aí, me dei conta de que havia uma diferença no padrão e que esse novo tipo de provas, baseado nas Mitocondrias iria mudar o modo como encaramos os humanos modernos.

Esta afirmação de Kanne – está reconhecida, aprovada por outros especialistas, inclusive o paleontólogo britânico Cristian Forstinger, autor da datação dos primeiros humanos modernos.

O homem moderno, com 150 mil anos, está, portanto, definido, a partir da Eva Mitocondrial ou Genética descoberta em laboratórios da mais avançada investigação de hoje, através de recursos do DNA, pelos quais pode ser reconhecida a genética do início humano.

Este relato foi apresentado a 21 de maio deste ano, durante duas horas, em vídeo-documentário, no canal Discovery, acrescentando que em consequência desses estudos, a história do homem moderno, agora, começa a ser reescrita para toda a humanidade.

Valores negados

Os norte-americanos continuam insistindo na tese de que o homem americano tem apenas, 12 a 30 mil anos, de acordo com as pesquisas feitas em diversas localidades estrangeiras deste planeta.

Desde 1983 – a arqueóloga Niède Guidon encontrou comprovações de que o homem esteve no interior do Piauí, município de São Raimundo Nonato, há 70 mil anos atrás.

Naquele mesmo período, o arqueólogo Jean François Gaston Laroche descobriu na Casa de Pedra, em Martins – RN material lítico e fóssil dando conta de que o homem ali esteve há 100 mil anos passados.

Estes e outros elementos sobre a origem do homem americano nos confins do Nordeste, não

constituem motivos de interesse e reconhecimento das elites de pesquisadores internacionais, certamente porque estão fora de seus territórios ou do alcance científico e cultural.

Esta posição não poderia ser outra, vez que o desinteresse, falta de atenção e até mesmo de estudo sobre as ocorrências que nos cercam e estão, portanto, dentro de nós – nasce e se agiganta em nós mesmos, nos governos e instituições que escolhemos e constituímos.

– Quem não se cuida – será eterno abandonado!

Assim, estamos vivendo na poeira do nosso deserto que foi vale, terra rica e grandiosa, onde os predadores acabaram com os recursos naturais, enquanto o solo guardou tudo, em suas entranhas, inclusive o petróleo e outros minerais que fazem a grandeza do capital mundial.

Acreditar que somos um pingo d'água no oceano, sem termos profundas raízes na história da humanidade, como outros americanos pretendem fazê-lo, é mesmo que nos contar a história da carochinha, quando estamos sonolentos, fatigados e relaxados.

Aquela linda imaginação de que “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer” – foi absorvida por alguns brasileiros que insistem na sedimentação desta idéia, na esperança de sua realidade, em futuras gerações, desde que seja plantada.

Fora de órbita

Após os 500 anos de história – permanecemos fora de órbita, na fase inicial do século 21, no manancial ao conhecimento mundial que se encontra à longa distância do que somos e vivemos.

A idade do homem na Casa de Pedra – 100 mil anos, tem sido um “rebate falso” para as melhores instituições de pesquisa e informação – Discovery e National Geographic Society que, mensalmente fazem documentários neste sentido.

O mesmo acontece aqui – nas universidades, escolas e demais instituições culturais de história, antropologia, geografia, sociologia e outras ciências do homem, assim como da comunicação.

Quem já andou procurando novas informações sobre a presença do ser humano na Casa de Pedra?

Saber de onde viemos, o que somos, pensamos e fazemos – é o passo decisivo para o nosso futuro, livre dos abismos que podem ser encontrados no percurso do caminho evolutivo.

Os planetas giram em torno do sol.

Os homens, parece, estão vivendo em torno do caos.

A tendência de quem está fora de órbita – é a desintegração do universo em que vive.

Arlindo Freire



Gravuras encontradas em pedras marginais do rio Fonseca, município de Quixeramobim, Ceará. (Croquis de João do Norte, “d’après nature”)

O chantamento do marco

João Antônio Cícero Sebastião José Silva Fernandes chegou a Terra de Santa Cruz em 17 de agosto de 1501, dia de São Roque, como marujo de esquadra comandada por Gaspar de Lemos. Vinha disposto a ficar naquelas terras, explorá-la, amealhar ouro e pedras preciosas e voltar, se pudesse, rico para a civilização. Era uma manhã clara, de sol forte, ventos a assobiar pelos conveses das três naus fundeadas diante daquele cabo, certamente extremo nordeste daquelas terras cuja posse vieram tomar, a mando do rei de Portugal, Dom Manuel.

Sua intenção, não dissera a ninguém, mantinha-a em segredo, e na primeira oportunidade, afastar-se-ia da tripulação, desertaria, sendo dado como morto ou perdido em meio àquela floresta sem fim, logo depois das dunas, fartas naquele pedaço de chão. João Antônio Cícero Sebastião José Silva Fernandes, estava estarecido diante daquele cenário primitivo, belo e misterioso, repleto de pássaros que nunca vira. O mar, límpido e verde, a proporcionar o espetáculo dos golfinhos em brincadeiras intermináveis, feito dança, acompanhando, circulando as embarcações.

João Antônio Cícero Sebastião José Silva Fernandes estava na nau comandada por Américo Vespúcio, a quem, mais tarde,



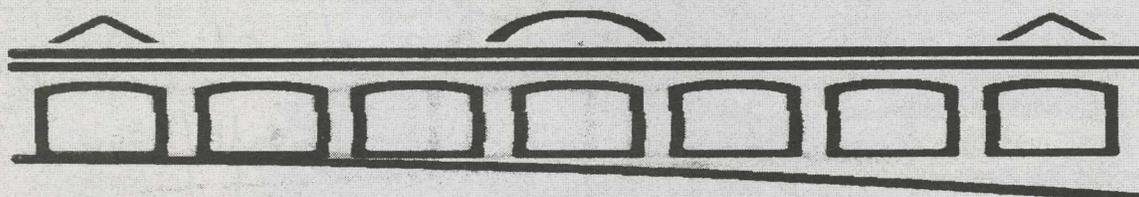
foi prestada a honraria de ter o seu nome ligado àquele continente, imenso continente, descoberto, anos antes, pelo navegador genovês Cristóvão Colombo, em 1492. Os peixes voadores o encantaram. Voavam em cardumes, perseguidos por um peixe comprido, brilhante, branco, de metro e meio, calculava, que mais tarde viera a saber chamar-se camurupim, nome dado pela indiada que sabia existir, mas que não dera ainda sinal de vida.

Os silvícolas existiam, garantiria o comandante que, ano antes, participara da frota de Pedro Álvares Cabral quando da confirmação da existência de terras onde supunham as

encontrariam. Terras portuguesas, asseguradas pelo tratado de Tordesilhas, que dividia o mundo desconhecido entre Portugal e Espanha, sob bênçãos do papa. Estavam ali para um primeiro reconhecimento, mapear a área, e dar nome aos acidentes geográficos significantes que encontrassem no caminho, dali até Porto Seguro, onde aportara a esquadra de Cabral. Estavam próximos ao Cabo de São Roque, como mandara registrar em livro o comandante, numa enseada de mar tranqüilo, de onde estudavam o litoral. Gaspar de Lemos viera com a incumbência de fazer o chantamento de marcos de posse naquela

terra, e ali deixaria, para que soubessem os que porventura se aventurassem por aqueles chãos, aquelas eram terras portuguesas. Gaspar de Lemos temia os índios, vira-os no ano anterior, e sabia que podiam trazer perigo. Como nenhum deles foi visto, tomou a decisão de naquela mesma tarde providenciar o desembarque do monólito de legítimo mármore de Lisboa, branco fosco, onde podiam ser vistos, em relevo, a Cruz da Ordem de Cristo e as armas do rei de Portugal, cinco escudetos em cruz, mais cinco besantes – pequenos discos lisos, semelhantes a moedas, para chantamento em terras acima da praia.

A guarnição responsável pelo



Capitania das Artes

Loja do Artista

Biblioteca Municipal
Escola de Ballet
Teatro Municipal - Alecrim

Banda Sinfônica
Galerias de Arte
Ateliê de Desenho e Pintura

Av. Câmara Cascudo, 434 - Ribeira - 59025-280 - Natal/RN - Telefax: 232.4951

serviço, comandada pelo próprio Américo Vespúcio, recebeu ordens de muitos cuidados, não adentrar o litoral e regressar tão logo surgisse algum silvícola. Estava bem armada e protegida pelos canhões dos navios lusitanos. O navegador indicou o local ideal para o chantamento da peça e logo que feito o trabalho regressou com os mesmos 20 homens que o acompanharam na missão. João Antônio Cícero Sebastião José Silva Fernandes, apesar de voluntário, permaneceu embarcado.

Logo que chegaram à nau capitânia, recebidos para festejos por Gaspar de Lemos, os portugueses começaram a perceber a presença dos índios. Primeiro, um em correria pelas dunas, saído de detrás de arbustos, abrigando-se atrás de outros. Logo depois, um outro índio fez o mesmo percurso, e outro, e outros mais. Logo, seriam mais de duzentos, trezentos talvez, muitos, a dominar o cimo das dunas brancas, ostentando presença massiça. Portavam arcos, e carregavam setas já conhecidas do comandante da frota lusitana. Alguns avançavam em direção à praia e depois recuavam, corriam, percebia-se o alvoroço entre eles.

Duas horas depois, já quase escurecendo, cinco índios se acercaram do marco, assistidos, de longe, pelos portugueses. Pegavam na pedra, lambiam, tentavam removê-la, mas nada conseguiam: o serviço de chantamento fora muito bem feito e a pedra, montada sobre pedra maior, a servir-lhe de base e encaixe, permanecia no lugar, imóvel, resistindo a pauladas e tentativas de remoção. Em alvoroço, gritando e gesticulando muito, logo dezenas de silvícolas cercavam o indicativo de posse portuguesa sobre terras de pindorama. Dali por diante, a indiada não teria mais paz, sabia-o o

cacique Potiassu, antevendo dias movimentados na área.

Era necessário alguma reação, mostrar aos invasores que não haveria hospitalidade. Os nativos, então, passaram a gesticular como se chamassem os portugueses de volta à praia. Gaspar de Lemos, no entanto, preferiu aguardar o amanhecer de novo dia para a tentativa de aproximação. Afinal, além do pau-brasil, abundante em toda a extensão daquele litoral, os silvícolas poderiam ter riquezas desconhecidas dos europeus. A intenção do comandante era fazer a aproximação. No dia seguinte, levaria oferendas à praia, tentaria fazer amizade com os selvagens.

As embarcações portuguesas amanheceram repletas de peixes voadores em seus conveses. Bem próximo às embarcações, duas baleias brincavam nas águas da enseada. No céu azul bem claro, nuvens de pássaros eram vistas de um lado para o outro, pássaros de todas as cores, um encantamento. Em terra, os índios, no alto das dunas, já os aguardavam pintados de preto. Alguns pareciam dançar. O vento continuava forte, encrespando o verde das águas. Longe da praia, onde repousava o marco, dezenas de guerreiros gesticulavam, acenavam para os embarcados, como se os convidassem para o desembarque.

Gaspar de Lemos chamou seus comandantes de naus ao navio capitânia e contou da sua intenção de ir a praia, com presentes para os nativos. A tripulação, no entanto, mostrou-se temerosa, fazendo ver o risco de vida que a missão representava. João Antônio Cícero Sebastião José Silva Fernandes viu aí sua grande chance de permanecer em terra. Correria o risco de ser morto pela indiada, mas não tinha medo da morte, o sonho de riqueza fazia-o cego ao perigo.

Apresentou-se, então, como voluntário para a missão. Como era tripulante da nau comandada por Américo Vespúcio, este fez objeção.

– Melhor mandar degredados.

Como João Antônio Cícero Sebastião José Silva Fernandes insistia em participar da missão, Gaspar de Lemos, embevecido diante da coragem demonstrada pelo marujo, decerto a servir de exemplo ao restante dos comandados, consentiu por fim com a ida do mancebo a terra. Mandou retirar dos porões do navio o degredado de maior pena e condenou-o à missão. Se voltasse, seria um homem livre. O degredado, no entanto, recusou-se, preferindo morte por afogamento ou qualquer outra, a ter com aqueles selvagens, quem sabe comedores de carne humana.

O próprio Gaspar de Lemos desceu aos porões da nau. Conversou com os apenados e por fim um deles concordou com a proposta do comandante. Se voltasse, seria um homem livre: acompanharia, mesmo que desarmado, o marujo de 22 anos em sua missão. João Antônio Cícero Sebastião José Silva Fernandes estaria provido do que havia a bordo de melhor em armamentos e apetrechos de sobrevivência, comida, munição farta, facas e facões. Era a chance que esperava. Sabia, Portugal mandaria outras esquadras àquela terra, e depois que tivesse em mãos os tesouros que com certeza encontraria, voltaria rico para uma vida confortável em Paris, onde pretendia viver.

Eduardo Alexandre

Fragmento do livro *O primeiro brasileiro* – inédito

Offset
GRÁFICA

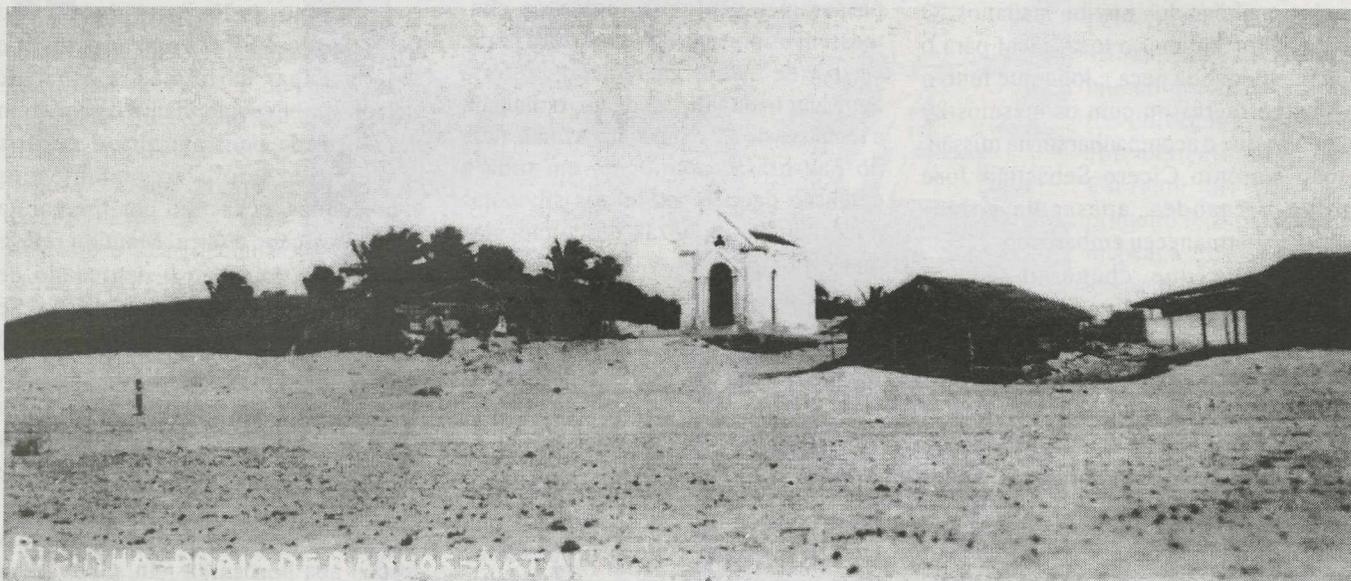
Rua Dr. Barata, 216 - Ribeira
59012-370 - Natal - RN
Fone: (84) 211-7664

GALVÃO MESQUITA

70
ANOS

Rua Dr. Barata, 217/219 - Ribeira - Fone: 211-5180 - Fax: 222-1500
www.galvaomesquita.com.br - galmes@digi.com.br

A praia da Redinha, antigo porto de pescaria dos capitães – mores



A primeira referência existente, sobre o local hoje representado pela Praia da Redinha, figura no texto da data e sesmaria nº 51, concedida ao vigário do Rio Grande, Gaspar Gonçalves Rocha, por João Rodrigues Colaço, em 23 de junho de 1603. Compreendia 1.500 braças, que começavam da boca do Guaraú, pelo Potengi acima, com quinhentas braças para o sertão. Nas terras não haviam sido feitas benfeitorias até o ano de 1914, por ocasião do **Auto da Repartição das Terras do Rio Grande**.

O mesmo **Auto** esclarece

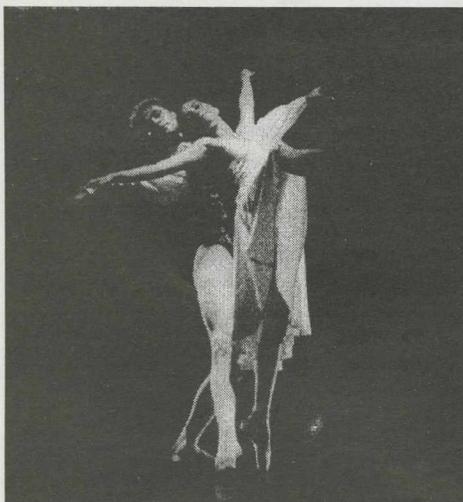
que a data e sesmaria concedida ao padre vigário do Rio Grande era a mesma terra representada pelo porto de pescaria “que foi dos capitães todos, e que hoje é de Pero Vaz, a quem o deu o senhor governador Gaspar de Souza; é o melhor porto de pescaria que aqui há, e está defronte da fortaleza”.

O histórico da data e sesmaria nº 185, doada em 1614, descreve aquele porto de pescaria, concedido a Pero Vaz Pinto:

“Há data cento e oitenta e cinco deu o Governador Geral Gaspar de Souza ao Pero Vaz Pinto Escrivão da Fazenda nesta

Capitania hu porto de pescaria da outra banda do ryo, defronte da Fortaleza, o qual porto possuhiro ateguora todos os capitães que aqui seruirão, tem redes de pescar em que pesca”.

Um mapa intitulado “Perspectiva da Fortaleza dos Reis Magos”, existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Portugal), encontrado pelo historiador pernambucano José Antonio Gonsalves de Mello, refere-se a um “Porto de Pescaria”, com a presença de “rede”, no mesmo local onde hoje existe a Praia da Redinha.



UM PALCO CERCADO DE TRADIÇÃO, MODERNIDADE E ARTE



TAM

Praça Augusto Severo, s/n - Ribeira - 59012-380 - Natal/RN - (84) 211-0233 / 222-3669
 Internet: <http://www.digi.com.br/teatro/teatro.htm>
<http://www.newtime.com.br/cultural.htm>

A referida gravura é do ano de 1609.

DOMINGOS DA VEIGA, por volta de 1627, descrevia o Potengi: “É este rio o mais fértil de peixe que há na Bahia digo no Brasil, e nele se faz muito grandes pescarias”.

Uma descrição de 1633, que trata do desembarque holandês em Natal, também faz menção ao porto encontrado na atual praia da Redinha:

“Na margem esquerda do rio, junto à boca dum pequeno riacho ou camboa, havia algumas casas de pescadores, onde fomos informados existia boa quantidade de peixe seco, que o sr. General Van Ceulen mandou buscar e transportar para bordo do Overysse, e era tanto que não só aos marinheiros dos navios como aos soldados em terra coube uma e meia ração; ao transportar-se o peixe fizeram do forte fogo sobre a nossa gente, mas sem ofender ninguém; este peixe pertencia ao Capitão-mor que pretendia vendê-

lo às caravelas e assim alcançar bom lucro, pelo que o Sargento-mor, que tínhamos prisioneiro, censurou muito o procedimento do Capitão-mor, que negociava com o peixe e deixava os seus soldados sem víveres (...) as pescarias deste rio rendiam muito ao Capitão-mor, porquanto de todo o peixe apanhado quatro eram para ele e o quinto para o pescador; mas, tal era a abundância do pescado que os pescadores se sujeitam de boa vontade à imposição”.

Em 5 de junho de 1731 foi feita uma doação de terras a dona Joana de Freitas da Fonseca, viúva do Capitão Manuel Correia Pestana: “receberam, por título de compra, da viúva dona Grácia do Rego, o sítio chamado da Redinha, da outra banda do rio desta Cidade, com toda a terra da dita Redinha até a Pajuçara (...) por comprimento, e do Outeiro do Minhoto até o rio Guajiru, por largura (...) da PRAIA DA REDINHA até a Lagoa Pajuçara”.

FONTES INFORMATIVAS

TRASLADODO AUTODA REPARTIÇÃO DAS TERRAS DA CAPITANIA DO RIO GRANDE, aos 21 dias do mês de fevereiro de 1614, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Vol. VII, nºs 1 e 2, 1909;

A “RELAÇÃO DAS PRAÇAS FORTES DO BRASIL” (1609), DE DIOGO DE CAMPOS MORENO, por José Antônio Gonsalves de Mello, in Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Vol. LVII, 1984, pp. 177-246;

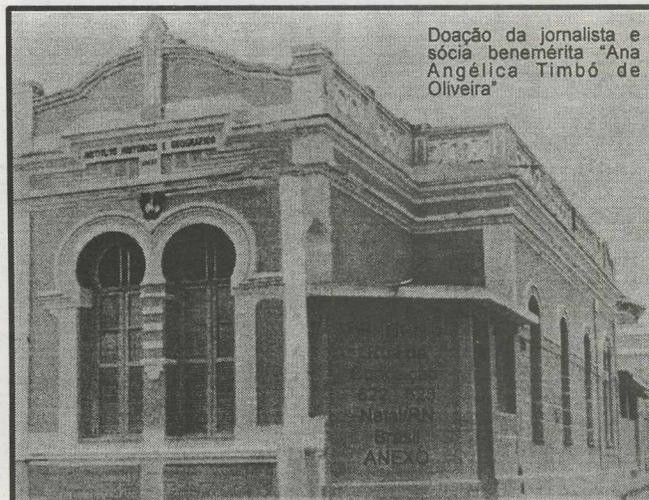
DESCRIÇÃO DO RIO GRANDE, por Domingos da Veiga, in Revista Trimestral do Instituto do Ceará, Tomo XXXIV, 1920, p. 261;

OS HOLANDESES NO RIO GRANDE DO NORTE (1625-1654), por ALFREDO DE CARVALHO, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Vol. IV, nº 2, julho 1906, pp. 179-180;

Olavo de Medeiros Filho

Sebo Amorim

Rua Ulisses Caldas, 94 - Centro - Natal/RN
Fone: 221-3717 / 973-9423



A roça e o milho

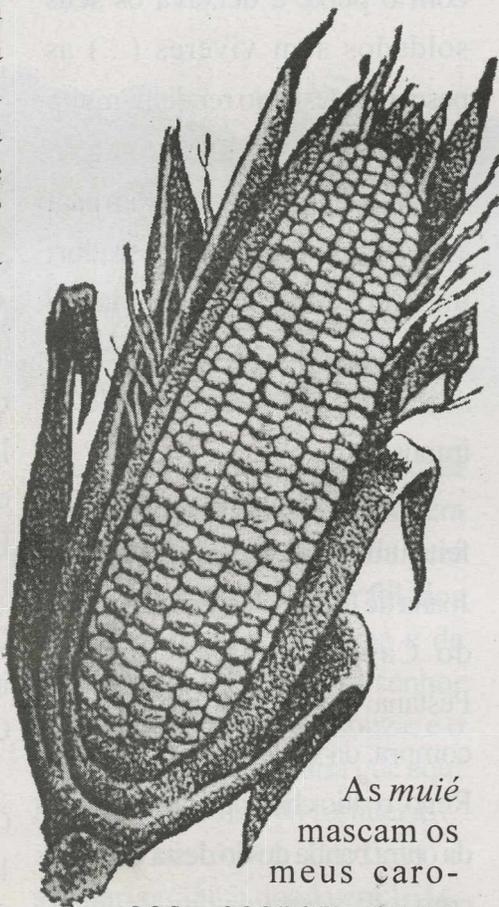
Certa vez, a roça e o milho pegaram a teimar. Qual dos dois dava mais produto. Camarada milho, disse a roça, do meu produto os *home* fazem a farinha de mandioca, a goma, o beiju e a tapioca. A macaxeira que é cozinhada para a janta, o purê de macaxeira. E os bolinhos? Quantos! Dou ainda a borra branca, a preta, manipueira, maniçoba, maniva, crueira... E o milho contando.

Só, camarada roça?

Espere aí, eu ainda dou a casca da mandioca para alimentar a criação. Deixa ver se me lembro mais... Não lembrava. Foi quando o milho pegou a debulhar:

Pois eu, camarada roça, do meu produto os *home* fazem a canjica, pamonha, milho assado, milho cozinhado. Tem ainda o angu de milho, a pipoca e o torreiro, que são feitos de mim. Manguzá? Também. A fubá para fazer o cuscuz. Da minha palha e do meu sabugo, os *home* fazem o farelo. Sou moído e en-

silado. Alimento para as galinhas, cavalos, ovelhas... De mim, os índios fazem *inté* uma bebida que eles chamam de cauim.



As *muié* mascam os meus carochos, cospem numa panela de barro e deixam fermentar até estar pronto para beberem em suas festas.

Ainda quer mais? Foi aí que a roça lembrou-se:

– E eu dou a hóstia, que é feita com a minha goma. O milho calou-se.

Mais um pouco, vinha passando uma *muié* pro roçado montada numa burra.

– Sabe, camarada milho, um gato tem sete fôlegos, uma *muié* tem fôlego de gatos; uma burra tem noventa e nove manhas, e a *muié* tem manha por noventa e nove burras...

– É verdade, confirmou o milho.

Lá longe, vinha se formando uma barra no céu.

– Camarada roça, será que nós vamos ter inverno? A roça respondeu assim:

– Se o campina cantar de cinco da manhã, rolinha pondo no chão e o carreiro branco? Seca pegada. Agora, camarada milho, se o aripuá tiver com o bico grande dependurado no céu, cheio de chuva, a cobra andando, os sapos saltando, é inverno!

Newton Lins Bahia

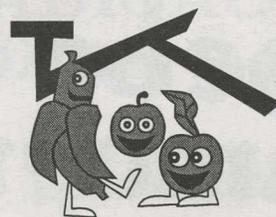
Bella Natal
Restaurante

Cardápio:

nhoque à bolonhesa, canelone de ricota ao molho, spaguetti ao sugo, lasanhas, filé ao molho madeira, camarão internacional, camarão à grega, carne de sol recheada com queijo de manteiga, buchada, ensopado de caranguejo, galinha à cabidela e muito mais...

Av. Eng. Roberto Freire, 2920, Shopping Cidade Jardim, Loja 63 - Natal/RN

A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 - Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas / Telefax: (84) 206-5612

Tim Lopes, Maquiavel e o principado do crime

Maquiavel, grande estrategista político e adulator de tronos do século XVI, em seu livro "O Príncipe", de 1513, descreve com clareza os caminhos pelos quais o soberano deve navegar na busca do controle de seus principados. Ele estimula a disseminação da desunião entre os povos, para que o soberano exerça o domínio de persuasão das armas com facilidade nos territórios desorganizados.

Hoje, as comunidades das favelas do Rio de Janeiro e São Paulo sofrem com a perda de cidadania, e estão destruídas pelo Estado brasileiro que, através do policiamento de seus habitantes e da alienante dinâmica dos meios de produção de ilusões, criou um espaço urbano que cede à ação violenta dos príncipes do crime organizado.

Esses novos príncipes das favelas construíram um Estado forte em benefícios, cujo objetivo é promover nos habitantes o esquecimento das palavras liberdade e tradição.

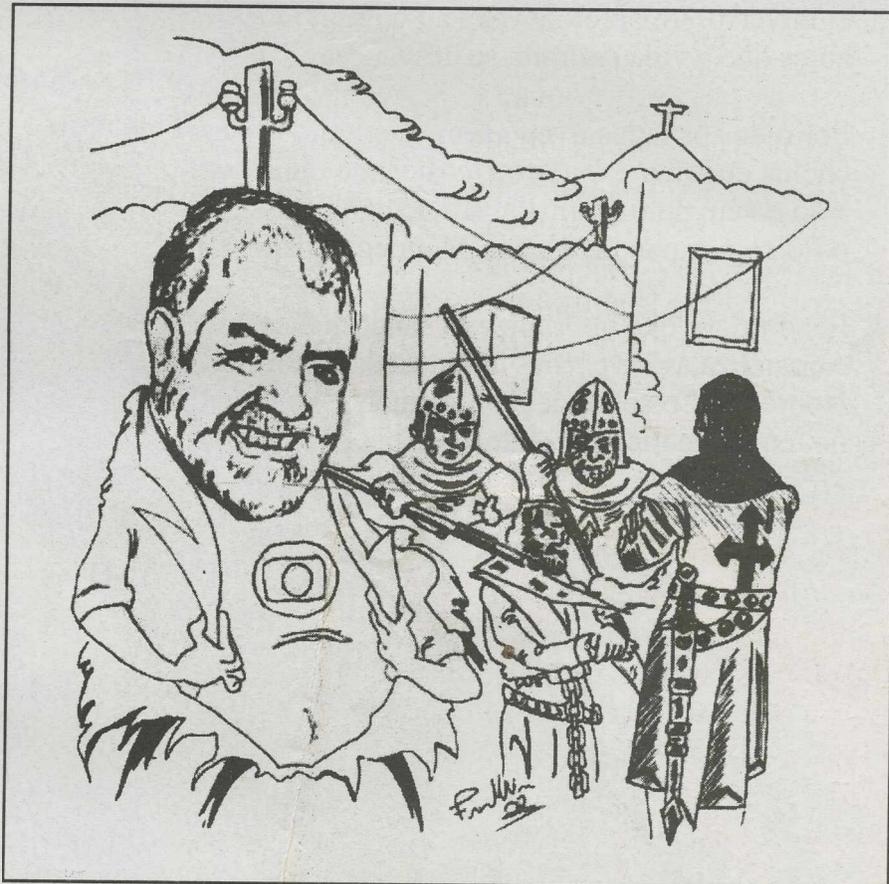
O ser humano é perverso, já dizia Maquiavel. E Tim Lopes, jornalista da Rede Globo, não se preocupava em revelar a natureza política e estratégica do crime organizado, limitando-se a cumprir seu papel determinado pela pauta jornalística do Fantástico.

Com o desaparecimento de Tim, os estrategistas do crime organizado revelaram a máxima ma-

quiavélica que diz: aquele acostumado a ser livre e a não destruir, destruído por sua liberdade será. E, assim, o trágico fim do nobre jornalista já seria sabido por todos da

CODI, em São Paulo, era esquecido pelos meios de comunicação em geral e pela Rede Globo de Televisão.

Hoje, a emissora perde para a violência um dos seus melhores



comunidade, inclusive pelo transeunte "suspeito" que caguetou sua captura à polícia científica.

Pimenta nos olhos dos outros é refresco, já dizia o jargão. No obscuro passado brasileiro da ditadura militar, o jornalista Vladimir Herzog, assassinado em uma cela do DÓI-

quadros, deixando a certeza maquiavélica de que quando o passado e a tradição são perdidos, apagam-se também os desejos e os motivos para as mudanças.

Franklin Serrão

Fátima **PT**
1313 Agora é federal

PRESIDENTE
LULA

GOVERNADOR
RUY
"ANCHIETA LOPES-PCB"

SENADORES
HUGO MANSO131
MARCELO SOUZA133

SOS

"Sistema Ostensivo de Segurança e Transporte de Valores Ltda".

Av. Campos Sales, 682 - Tirol - Natal/RN - Fone: 211-9735 / 222-9897
sos.seguranca@digicom.br

Rua Dom Vital, 195 - Roger - João Pessoa/PB - CEP 58020-010
Telefax: (0xx83) 222-7886 / 3042-0113

Elegia Costeira

A Verissimo de Melo

Esse vago e deslumbrado caminhar à toa
frente à cálida vastidão da via Costeira!
Como um rei mago com seu cajado mágico
atijando fogo nessa boca de sol, enorme.

Natal. Formas de vida. E lendas. E duendes.
Por que entram em mim? Acolho-os. Sou alma
e universo, irmão. Pois venham comigo, logo,
antes que a vida em mim se desvaneça.

Por todos os lados te invadem os eruditos vates,
cheios de saber e maestria, costeando dunas.
Vão e vêm numa jornada vernacular e clássica
o Potengi irmanando-se ao Mondego do além mar.

Eis o fulgor que immortaliza as sanções da mente
e cristaliza as invenções distintas da história.
Nobre via Costeira, deixa-me então seguir,
no teu apoteótico presente, as esperanças do passado

Ascendino Leite

Foto: Giovanni Sérgio

Colégio Nossa Senhora das Neves

*Prepara-se para
celebrar seus 70 anos de existência:
lembrando com gratidão o passado,
vivendo com paixão o presente,
abrindo-se com confiança para o futuro*

70 NSN
anos
quem estuda não esquece

www.colegiodasneves.com.br
e-mail: neves@colegiodasneves.com.br
Praça Pedro II 1055 Alecrim 59.030-000 Natal RN.
Tel.: (84)211 4566 Fax: 211 8820 211 3787